

A HUMANIZAÇÃO E EMANCIPAÇÃO SOCIAL DOS POVOS INDÍGENAS UM DESAFIO PARA O NOVO SÉCULO

BRUM, Ana Lúcia Castro.¹

RESUMO

Este artigo propõe-se discutir sobre a desumanização com os povos indígenas, desde o começo da colonização. Há mais de quinhentos anos, os povos indígenas sofrem o extermínio na América Latina, veem sendo massacrados, excluídos e tornaram-se invisíveis aos olhos dos não índios. Injustiça com os povos indígenas, pois são eles os verdadeiros donos dessa terra, são expulsos pelo capitalismo, sem piedade, sendo desumano o destino destes povos. Embora existam órgãos governamentais que protejam os direitos dos povos indígenas, ainda são muitos os desafios. O anúncio da Educação para a libertação e a emancipação destes povos, é o horizonte para que eles possam viver com dignidade humana. A Educação Libertadora baseada em princípios de Paulo Freire e Enrique Dussel tem como compromisso para a formação de sujeitos sociais que possam construir uma sociedade com mais humanização. Para que se torne possível a emancipação social entre os povos indígenas e não indígenas, anunciada por Boaventura S. Santos.

Palavras - chaves:

desumanização, povos indígenas, humanização, libertação e emancipação social.

A desumanização com os povos indígenas...

A sociedade do século XXI está muito atrasada, ainda pensa com uma visão colonialista, vive o colonialismo social. Trata seus sujeitos sociais com desumanidade, porque alicerçada no capitalismo, explora o povo, acaba com os recursos naturais daquele lugar, extermina as diferentes culturas e etnias, escravizando os povos que não compactuam com a tirania do capital.

Segundo Mészáros, em palestra na UFRGS no ano de 2009, o capital produz destruição do tempo livre, da educação, das pessoas, da cultura, da natureza, da vida. A disputa no planeta hoje, não se daria entre socialismo ou barbárie, mas entre socialismo ou extinção. Muitos países desenvolvidos e ricos exploram os países mais pobres, oferecem ajuda financeira a estes países, para que se desenvolvam, mas em troca, tomam posse da sua cultura e ciência. Os povos indígenas são um exemplo de vítimas dos exploradores, há mais de quinhentos anos, eles são massacrados, explorados e invisíveis aos olhos dos não índios, "[...] nós não somos nada sobre a

1. Graduação em Pedagogia-UFRGS -Especialização em Supervisão Educacional -FAPA -Aluna PEC Do PPGEDU (Programa de Pós Graduação em Educação - UFRGS)

terra, se não somos, desde logo, cativos de uma causa a dos povos, da justiça e da liberdade [...]". (Frantz Fanon, carta antes de morrer em 1962).

Na América Latina os povos indígenas ainda sofrem com a exploração, embora exista legislação que proteja esses povos, as atrocidades ainda acontecem. As terras demarcadas pela justiça, são invadidas pelos não índios, que se consideram trabalhadores da terra e por isso invadem, saqueiam, roubam e matam os povos indígenas em nome do capitalismo e do trabalho.

A Constituição Federal, que é a Lei Magna de um país, prevê os direitos de todos os cidadãos inclusive, dos povos indígenas, direito a terra, à saúde, a liberdade de ir e vir, à educação, à língua materna, à cultura. Estes direitos estão sendo desrespeitados, por homens e mulheres que não os reconhecem e cometem uma barbárie humana-social contra os povos indígenas.

Segundo Santos (2007), hoje vivemos um problema, uma discrepância entre teoria e a prática social, que é nociva para a teoria e também para a prática. Precisamos de um novo modo de produção de conhecimento, precisamos de um pensamento alternativo às alternativas. Uma reflexão epistemológica onde ter consciência de que as ciências sociais convivem com diferentes culturas, não há ciência pura, há um contato cultural da produção de ciência, que os países do Sul têm uma visão diferente dos países do Norte, e as experiências locais não podem ser desperdiçadas.

O primeiro desafio é enfrentar esse desperdício de experiências sociais que é o mundo, que existem alternativas novas para problemas sociais. De acordo com Santos (2007), torna-se urgente um combate ao pensamento hegemônico “reinventar a emancipação social a partir do Sul” (ou seja, dos países periféricos e semiperiféricos do sistema mundial...). Pensar alternativas para uma nova sociedade mais justa valorizando o multiculturalismo, a cidadania cultural, os direitos indígenas, os conhecimentos indígenas, com a visão da epistemologia do Sul.

Reinventar a visão de Mundo, onde todos e todas tenham a liberdade de escolher o lugar que queiram conviver e viver. Para respeitar as diferentes culturas e povos.

“[...] são as desigualdades que devem ser combatidas, não as diferenças, essas só nos enriquecem [...]” (Arabela Oliven, professora da UFRGS).

Devemos buscar na filosofia intercultural, com suas matrizes culturais, suas formas de argumentação e fundamentação para a libertação dos povos indígenas. Segundo Fournet-Betancourt (2009) entende-se que [...] a filosofia intercultural, propõe exatamente, refazer a

história da razão desde a releitura dos processos e das práticas contextuais porque entende que são nesses lugares aonde se vão cristalizando os modos em que o gênero humano aprende a dar razão de sua situação em um universo concreto, e ao raciocinar, com as razões dos outros sobre a humanidade de todos.

Sendo assim, a interculturalidade é como um processo real da vida, uma tomada de posição ética a favor da convivência com as diferenças e enriquecimento mútuo, processo de transformação cultural e as culturas em diálogo. Pensadores latino-americanos, como Fournet-Betancourt e Paulo Freire, afirmam que são apenas através do diálogo entre os povos, as pessoas que há a interação, que há a concretização da interculturalidade como um caminho de esperança.

Para Santos (2003), temos o direito a ser iguais, quando a nossa diferença nos inferioriza, e temos o direito de ser diferentes quando nossa igualdade nos descaracteriza, enfim temos o direito de ser diferentes na igualdade. É preciso encontrar um diálogo que produza automaticamente.

“É preciso encontrar outro tipo de diálogo entre as diferentes filosofias, e também aqui aparece o desafio. É preciso conversar muito mais, dialogar muito mais, buscar outra metodologia de saber, de ensinar, de aprender.” (SANTOS, 2007, p. 57)

Para construirmos a emancipação deve haver uma nova relação entre o respeito da igualdade e o princípio do reconhecimento da diferença. Parafraseando a professora Arabela Oliven, da PPGEDU da UFRGS, são as desigualdades que devem ser combatidas, não as diferenças, essas só nos enriquecem.

A Educação Libertadora que humaniza e emancipa

Encontramos em Dussel e Freire um horizonte para a emancipação. A filosofia da Libertação situa a filosofia dentro do contexto da vida prática concreta, dentro do comprometimento e solidariedade com o oprimido (com o pobre explorado na periferia do capitalismo); com o negro discriminado; com a mulher dominada pelo machismo; com as culturas não hegemônicas; com os ecologicamente responsáveis pelas futuras gerações. Para concluir, Libertar é preciso e urgente. (Enrique Dussel, 1977).

A filosofia da Libertação com o princípio da rebeldia, com o compromisso da solidariedade com o outro, a partir de uma educação como prática libertadora. Segundo Freire

(1996), a rebeldia é o ponto de partida, indispensável, é deflagração da justa ira, mas não é suficiente. A rebeldia enquanto denúncia precisa se alongar até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente anunciadora. A mudança no mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação no fundo o nosso sonho. A educação é um ato político, portanto um trabalho coletivo, que reeduca todos os sujeitos e atores envolvidos. Envolve a postura e atitude diante do mundo e do homem, que é diferente um do outro com suas culturas e crenças.

Um horizonte possível...

A Educação como uma busca incessante e sem prazo, como uma alternativa para a emancipação dos povos indígenas que ainda vivem invisíveis na sociedade, uma luta pelo reconhecimento da diferença e também pela igualdade dos sujeitos; uma luta pelo direito às culturas diferentes dos povos. Onde todos aprendam e ensinem a conviver, sem perder a sua identidade, mas este reconhecimento das diferentes culturas, só dar-se-á através do diálogo, com o diálogo com o povo oprimido é que encontraremos a humanização.

“[...] ao fundar-se no amor, na humildade, na fé, nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal em que a confiança de um pólo no outro é consequência óbvia.”.
(FREIRE, 1987, p. 81)

O diálogo com o povo indígena não só é necessário, como urgente, mas depende de uma atitude humanizadora, a partir de uma educação de humanização. Segundo Zitzoski (2008), a proposta de uma educação humanista-libertadora em Freire tem no diálogo/dialogicidade uma das categorias centrais de um projeto pedagógico crítico, mas propositivo e esperançoso em relação ao nosso futuro.

Nesse sentido, segundo Zitzoski (2008), Freire fundamenta a esperança de humanização a partir da transcendência de uma natureza que se constrói a si mesma em um processo sempre aberto para transpor as barreiras que atrofiam nossa potência e/ou vocação para o ser mais. O papel da educação libertadora é potencializar esse dinamismo da natureza humana e cultivar a dialética ação-reflexão na busca de concretização histórica de um nível sempre mais elevado de humanização do mundo.

A desumanização com os povos indígenas, ainda existe, deve ser combatida diariamente,

por nós não índios, uma vez que, somos nós os causadores desta desumanização. O resgate da língua materna da cultura, e o respeito com a natureza é um direito do povo indígena.

Na luta pela humanização nos tornamos mais humanizados e por consequência humanizamos os outros. Acredito que é a partir de uma educação libertadora que se é possível tornar um mundo mais humanizado e livre.

Referencial teórico

DUSSER, Enrique. **Filosofia da Libertação da América Latina**. São Paulo: Edições Loyola, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MÉSZÁROS, István. **A Educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

VAZ E SILVA, Neusa. **Teoria da Cultura de Darcy Ribeiro e a Filosofia Intercultural**. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2009.

ZITKOSKI, J; STRECK, D; REDIN, E. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.